

Entrevista

EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA EM MOVIMENTO: ENTREVISTA COM TEREZA SANDRA LOIOLA VASCONCELOS



Tereza Sandra Loiola Vasconcelos

Educadora, pesquisadora e mamãe do Raoni. Doutora em Geografia pela UECE. Professora dos cursos de Graduação em Geografia (Licenciatura e Bacharelado) da UECE desde 2016. Coordena o Laboratório de Prática de Ensino e Pesquisa em Geografia (LAPEGEO), desenvolvendo ensino, pesquisa e extensão. Desenvolve pesquisa voltada à escola-território, formação socioespacial, entre outros temas.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8266-3956>

Foi em uma manhã de segunda-feira, quando estive no Campus Itaperi da Universidade Estadual do Ceará (UECE), nas dependências do Laboratório de Prática de Ensino em Geografia (LAPEGEO) para entrevistar a professora Tereza Sandra Loiola Vasconcelos, que exerce a docência nesta instituição desde o ano de 2016, trabalhando com o ensino, a pesquisa e a extensão nos cursos de Geografia. Ao longo de sua trajetória, trabalhou e estagiou em escolas públicas e, ao chegar na Universidade se dedica aos estudos sobre: a formação e a reestruturação socioespacial do Ceará; a categoria escola-território; aos movimentos socioespaciais; a formação docente; a Geografia escolar; a Educação do Campo; a Educação Escolar Indígena, entre outros temas. No diálogo, a professora revisitou memórias da sua formação inicial e continuada, situou as concepções e vivências coletivas nos espaços formativos que coordena, bem como assinalou os fundamentos que conduzem o seu modo de ensinar e de aprender e as suas proposições na Educação Geográfica. Diante da relevância desta trajetória para a formação do professorado de Geografia do Ceará, buscou-se destacar uma Educação Geográfica em Movimento exercida por Tereza Vasconcelos, com sentidos e significados para as práticas de ensino do ontem, do hoje e do amanhã, a fim de que cada docente se enxergue, se situe, se encontre e se inclua.

1. Rosilene Aires - Doutora em Geografia pela UFC. Professora da rede estadual de ensino da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUCCE). Editora da Revista Docentes da SEDUCCE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0816-6243>

2. Suiane Costa Alves - Doutora em Educação pela UNISINOS. Professora de Química na SEDUCCE, integrando a equipe da Coordenadoria de Gestão Pedagógica do Ensino Médio (COGEM). Compõe o Conselho Editorial Científico e a Comissão Editorial Associada da Revista DoCEntes. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9103-617X>.

Revista Docentes: iniciando a nossa conversa com a professora Tereza Sandra, que é mãe, autodeclarada mulher branca, Educadora...

T.S.L.V: Primeiramente, agradecer o convite da professora Rosilene em nome da Revista Docentes da Seduc. Me chamo Tereza Vasconcelos, sou professora dos cursos de Geografia da UECE, no Campus Itaperi, em Fortaleza. Sou uma mulher branca, estou de blusa preta, mangas compridas, uso óculos de grau, cabelos nos ombros e ondulados de cor preta e tenho olhos pretos. Sou mãe e sou pesquisadora do ensino de geografia, atuando nessa temática ao longo dos últimos anos e tenho Mestrado e Doutorado em Geografia pela UECE.

Revista Docentes: Gostaria de propor uma visita às suas memórias em relação às práticas de ensino, daquelas pessoas que contribuíram para a sua formação. Algo que lhe marcou nessa trajetória universitária ou na sua trajetória escolar?

T.S.L.V: Bom, eu concluí a graduação em 2007, fui estudante durante esse período do curso noturno, sou licenciada, antes de ser Mestre em Geografia, inclusive, com muito orgulho da minha formação. Na Educação Básica, na realidade, estudei em escolas privadas do bairro, mas estudei, também, em algumas escolas públicas, como a

EEMTI Jenny Gomes, localizada no bairro da Aerolândia. Entrei no curso de Geografia no ano de 2002, no semestre 2002.2. Concluí em 2007 e, logo em seguida, ingressei no mestrado em Geografia da UECE, com orientação do professor Luiz Cruz Lima. Foi uma graduação muito difícil, como é para a maioria dos estudantes que precisam trabalhar durante o dia e estudar durante a noite. E, apesar dessas dificuldades, obtive oportunidades de aprendizado e de amizades. Um dos conhecimentos, foi aquele escolarizado ou formativo, na perspectiva do conteúdo teórico duro. Além disso, destaco a oportunidade de formação política, de politização, que eu guardo com mais força numa universidade pública, gratuita, e referenciada.

“Foi uma graduação que ainda hoje resguarda muitos elementos desse passado. Feita e construída pelos filhos da classe trabalhadora.”

Temos, no presente, alguns resquícios desse passado. Obviamente que muita coisa mudou, mas essa identidade da formação de professores de um curso noturno, em que pude me formar e me construir, reconstruir como ser humano, como cidadã e professora. Ou seja, uma graduação vinculada à formação de professores da classe social específica, e eu diria mais, inclusive, que tem uma forte

perspectiva racial, racializada e, também, de gênero. Haja vista que no turno da noite, majoritariamente são estudantes homens. Temos um grande desafio na perspectiva de gênero, da entrada e, sobretudo, da permanência de mulheres no curso noturno. O Bacharelado é diurno, mas como eu tô falando da minha graduação específica, que foi na licenciatura da noite, eu tô me referindo a ela. Tenho lembranças desse processo de conscientização política, dos trabalhos de campo, da minha vontade de realizar pesquisa, diante dos desafios. Consegui realizar uma graduação que conciliou o trabalho formal e os estudos nesse processo.

Revista Docentes: Ao ingressarmos no curso superior de Geografia, no seu caso da licenciatura, um curso noturno com as características que você ressaltou. Cito atividades teórico-práticas como os estágios, os eventos, as apresentações que você fez ao longo da sua formação. Poderia citar alguma atividade que contribuiu para a sua trajetória e prática, ou que tem como referência para conduzir processos formativos?

T.S.L.V: A atividade obrigatória da licenciatura, ainda hoje são os estágios supervisionados. Que são componentes curriculares obrigatórios durante o processo de formação. A minha graduação embora seja de 2002, é do fluxo

curricular de 1983. Perceba a defasagem de fazer uma graduação nos anos 2000 com as particularidades de virada do século em um currículo formado na década de 80, já que minha matriz curricular era de 83. No estágio supervisionado, vale destacar, que nos anos atuais, não tínhamos a mesma identidade, corpo teórico, prático, a organização curricular e a carga horária especificamente. Os estágios eram realizados no final do curso conforme o modelo 3+1. Essa não era uma realidade apenas da Geografia da UECE, mas de outras Licenciaturas no Brasil nesse formato. Nos três primeiros anos tínhamos disciplinas específicas da Geografia: Geografia Agrária, Geografia Econômica, Geografia das Indústrias por exemplo e, apenas no último ano, se concentravam disciplinas didático-pedagógicas. Isso era muito prejudicial porque acabava afastando a formação do principal campo de atuação da licenciatura que é a escola. Essa foi uma das mudanças paradigmáticas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para as Licenciaturas, por isso que eu não fui contemplada na minha graduação. Somente a partir das reformas educacionais dos anos 2000 é que foram implementadas mudanças em todo o Brasil. Assim, o estágio não se configurou, lamentavelmente, em um elemento que eu possa considerar solidificado na minha formação. Ainda que eu tenha realizado a prática numa escola pública com uma professora supervisora, a professora Fábiana Santos, da Escola Municipal Projeto Nascente, quem me deu todo o acompanhamento e o aparato. Destaco ela, porque eu como professora de estágio, considero a importância da parceria entre a escola e Universidade.

Porém naquele momento, até por conta das exigências das DCNs, não se tinha o mesmo aparato teórico, epistemológico, prático que temos hoje. Nessa lacuna, por outro lado, tínhamos outros elementos que endossaram o processo da formação. A organização dos estudantes que realizavam mobilizações e discussões politizadas, por meio do Diretório Central dos Estudantes, o DCE, e do Centro Acadêmico de Geografia, o CA. Eu não fazia parte direta, mas tinha alguns amigos e amigas que faziam. Eu participava de atividades desde muito cedo. Foram encontros de estudantes com discussões sobre pesquisa, ensino e extensão, embora naquele momento não tivesse a conscientização desse processo, eu já participava. Além disso, os trabalhos de campo fortaleceram a perspectiva do espaço geográfico, do território e das territorialidades tendo como premissa:

"A necessidade da prática vinculada à teoria, que foi muito forte no nosso curso."

É aquilo que eu falei no início, sobre a dimensão da formação vinculada ao curso noturno, do qual eu fiz parte. Despertou inquietações com as questões trazidas em sala de aula e críticas voltadas às abordagens teóricas e metodológicas dos docentes da própria instituição. A condição em que se encontrava como estudante e trabalhadora do curso da noite, fez com que a perspectiva politizada se sobressaísse. O que ainda hoje faz com que a UECE se destaque em outras universidades como formadora de sujeitos críticos, politizados, compreensivos do seu papel diante da sociedade. Se por

um lado destaquei uma lacuna, por outro, ressaltei alguns elementos/atividades que fortaleceram a minha trajetória.

Revista Docentes: Diante da sua participação em eventos e mobilizações, dentro do campo da Geografia como um todo. Estava próxima aos movimentos socioespaciais e dos estudos da formação socioespacial. E na sua prática profissional de professora e pesquisadora da Geografia, você tem se dedicado a formar e a conduzir processos de pesquisa e construir um arcabouço teórico-metodológico e didático-pedagógico sobre a categoria que nós da Educação Básica, temos interesse que é a categoria de escola-território. Dando uma dimensão, sobretudo, geográfica à escola. Pergunto como você vem enxergando, a partir da sua atuação e das pesquisas, que escola é essa?

T.S.LV: Essa pergunta é interessante porque me faz refletir que a perspectiva da escola-território já existia em mim muito antes dessa formulação que, na verdade, está em construção. É importante mencionar que essa é uma categoria em construção, em movimento, assim como, estamos em movimento nessa dimensão espaço temporal. Então, nesse processo de formação, de reconstrução do meu ser social, enquanto mulher, enquanto pesquisadora, que me faz lembrar das minhas raízes: de onde eu venho, para onde vou, e para onde eu quero e devo voltar. A Educação é um desses processos que, inclusive, representa grande parte da minha vida cronológica neste mundo físico, foi atravessado por um espaço, o da escola, que me atravessa há muitos anos, mesmo

antes de entrar na Geografia. Então, eu gosto de falar essa história nos meus primeiros dias de aula, quando eu entro nas aulas à noite, na licenciatura, para contar um pouco de minha trajetória. Não só porque eu tenho orgulho, mas porque ela me faz ter compreensão e fortaleza diante dos aspectos vinculados à educação geográfica, ao ensino de geografia. Fui professora de reforço escolar durante um bom tempo. Depois, trabalhei por volta de sete a oito anos na Prefeitura Municipal de Fortaleza como agente administrativo e secretária escolar. Fui professora substituta em escolas da rede estadual de ensino. É isso que eu queria falar e grande parte dessa trajetória na Educação Básica ocorreu em espaços educacionais formais e não formais. Alguns não eram espaços de escolarização e só um tempo depois é que entro na graduação. Fui atravessada e atravessei o espaço da escola, nas suas diversas dimensões, não apenas como professora, mas ocupando cargos administrativos à época. Isso me fez compreender a escola sobre diversas lutas e no movimento. Juntei essa perspectiva da minha experiência profissional e as memórias afetivas, não só porque nesses espaços eu conquisei muitos amigos e amigas mas, também, porque durante esse processo, aliás, ainda na minha adolescência, meus pais, meus avós são da região norte, noroeste do estado do Ceará, eu tenho muitas lembranças, de ter proximidade com aquilo que só depois eu descobri que era um perímetro irrigado. Daí nasce o interesse em trabalhar com as dinâmicas envolvidas no campo cearense, em especial, na região citada, que é onde, se concentram os meus estudos de Mestrado, Doutorado,

e ainda hoje, como professora na graduação, grande parte dos estudos que desenvolvo ainda se concentram lá. Essa relação da minha experiência profissional com as minhas memórias afetivas que construíram-me enquanto ser social e favoreceram a minha escolha para entender essa perspectiva da escola territorializada, de uma escola contextualizada. Porque nesse processo de descobertas, de pesquisas, de ensino e de extensão, eu fui me aproximando cada vez mais dos movimentos socioterritoriais ou socioespaciais. A exemplo, o Movimento de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, o MST. Me aproximei dos movimentos indígenas onde construí parcerias. Compreendi o quanto a escola é fundante nesses espaços de organização e de organicidade dos movimentos sociais. Quando chegava para tratar de alguma questão nos territórios, o primeiro ponto em que eu me territorializava para discutir as atividades era no escopo da escola. Então a escola é muito mais do que um arcabouço físico, movido por muros, por portões, enfim, por essa dimensão que, muitas vezes, a gente reconhece enquanto mero espaço físico. Nesses espaços de contextualização, os movimentos sociais são muito presentes e articulados a escola. Estas, são muito mais do que um espaço de localização ou de escolarização, ou seja, dialogam diretamente com os territórios. A gente sempre usa uma frase,

“que a escola nasce do movimento e ela se volta para o movimento.”

A escola-território já estava em mim há muito tempo. Compreendi

ao longo desses anos a dimensão epistemológica, que está vinculada, inclusive, à formação socioespacial. Porque ela nasce da luta. Não é que as escolas do urbano não nasçam, pelo contrário, elas nascem. Tanto é que temos projetos de pesquisas, ensino e extensão em escolas localizadas em Fortaleza, com amplos desafios. E temos vários casos de escolas que têm essa perspectiva, de nascer através dos movimentos sociais, de se vincular a eles, mas entendemos que as articulações do movimento no espaço urbano tem dimensões diferentes do espaço agrário. Nessa dimensão de entender e categorizar a escola-território, compreendemos as suas contradições, os seus conflitos, as suas conflitualidades, ou seja, aquilo que eu chamo na minha tese de tensões territoriais e tensionalidades. Na verdade é uma construção que vem de anos, advindo das formações e atravessamentos na Educação Básica, representando de onde eu venho e para onde eu vou e lembro das minhas memórias enquanto ser social.

Revista Docentes: Em relação aos cursos de licenciatura, de qualquer área, a formação tem esse caráter diferente do curso de bacharelado. Em se tratando da UECE, da Geografia, dessa formação inicial, como é que você enxerga esse cenário? Qual é a pegada da Licenciatura e do Bacharelado na instituição?

T.S.L.V: Nós temos na UECE, especificamente no campus Itaperi, vinculado ao Centro de Ciência e Tecnologia, dois cursos. Eu, particularmente faço questão de frisar no plural. Cursos de Geografia, porque nós temos o Bacharelado,

que é vinculado à formação de Bacharel em Geografia, e nós temos o curso noturno, que é o de Licenciatura em Geografia para a formação de professor. São dois cursos com especificidades e trato nessa pluralidade, porque me faz ver a sua importância e as suas diferenças. Isso precisa ser explícito aos estudantes para que compreendam, inclusive, a identidade do curso que eles realizam e para que dialoguem, questionem, se inquietem nas suas aulas junto aos professores e professoras sobre a identidade da profissão. Seja ela vinculada ao bacharelado ou a licenciatura em Geografia. Na verdade, são políticas baseadas nas DCNs, referente a formação de professores e professoras que a UECE precisa atender. Na formação de professores mudaram, por exemplo, a carga horária do estágio supervisionado, além da carga horária da Licenciatura. Ela é, inclusive, maior que na formação de bacharel. Outros aspectos são a quantidade de estágios supervisionados e a quantidade de práticas como componentes curriculares.

Portanto, a carga horária de formação de professores, de um modo geral, é maior que na formação de bacharel. Os estágios supervisionados são componentes curriculares e precisam se aproximar dos estudantes desde o primeiro semestre, na realidade, isso é uma exigência cada vez maior para que estes, quando entram na licenciatura, se aproximem mais do campo da escolarização. O intuito é fazer com que entendam a dimensão dos espaços educacionais não formais e informais com importantes

espaços formativos. Estes aspectos fazem com que a licenciatura em geografia tenha sua particularidade, e deve ser transversal ao ensino, à pesquisa e à extensão, porque nós temos como exigência atual a curricularização da extensão. E faz com que os nossos estudantes compreendam que, uma vez terminando o curso de formação de professores, eles vão estar habilitados a serem professores e professoras. E, obviamente, nessa perspectiva, pesquisadores e pesquisadoras. Um professor ou professora é uma pesquisadora ou pesquisador, desde a graduação. Já no bacharelado, nós temos outras dimensões. Algumas que se associam, se aproximam, são semelhantes quanto às exigências do ensino, da pesquisa e da extensão. Nós temos uma carga horária mais específica, além de outras direções nos estágios, por exemplo. Tem a carga horária de práticas em laboratório, que na licenciatura abrange outra dimensão. Os componentes curriculares no bacharelado são diferentes daqueles da licenciatura. E as disciplinas da licenciatura que existem no bacharelado, precisam trabalhar no seu conteúdo programático, diferentes metodologias e programas com a mesma equipe, o mesmo corpo docente. Obviamente que isso é um desafio cotidiano. O currículo, como eu sempre gosto de trazer o professor Miguel Arroyo, é um território em disputa. O currículo é

“um jogo de forças e não possui apenas o seu aspecto técnico, mas o de conflito e de intencionalidade. É feito por pessoas, por sujeitos. É um desafio que eu acredito que não é apenas da UECE, mas de

todos os cursos que possuem Licenciatura e Bacharelado no Brasil.”

Ainda assim nós avançamos. Eu comecei a nossa conversa falando sobre a minha formação, no início da década de 2000, com uma matriz curricular da década de 80. E agora estamos em uma graduação em que sou professora, com a matriz de 2024. Temos duas matrizes na licenciatura. Estamos com a de 2016 finalizando, mas temos turmas na de 2024. São matrizes concomitantes no curso de licenciatura. Então você imagina, nessa matriz se consegue falar de temas que antes na minha graduação eram inimagináveis, como gênero, raça, etnia. Nós temos estágios com cargas horárias maiores, temos pesquisas discentes voltadas ao ensino de geografia, que se preocupam com essa dimensão e professores que cada vez mais compreendem a necessidade de articular o ensino, a educação geográfica e a formação de professores nas disciplinas, com o entendimento que aquele estudante está sendo formado para ser professor e professora de Geografia. A partir daí, ter as suas escolhas. E o bacharelado, do mesmo modo, estamos passando por um processo de reformulação do Projeto Político de Curso, o PPC. No bacharelado, diante das dificuldades, temos problemas que não são somente da UECE, uma deles é a evasão acadêmica. Então hoje a preocupação maior é com as dinâmicas do real, com a realidade. Temos professores ainda mais vinculados aos conselhos e associações de classe, como o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Ceará, o CREA e a Associação de Geógrafos Brasileiros, a AGB. São práticas de

uma sociedade contemporânea, como você dimensionou, para o corpo da graduação, desde a sua matriz curricular, aos outros elementos que a circundam, como o ensino da pesquisa extensiva. Nós temos desafios e a matriz do bacharelado vem sofrendo essas discussões, essas lutas.

Revista Docentes: Na relação teoria e prática que nos desafia, sobretudo, na produção do conhecimento e na formação inicial dos estudantes, que práticas de ensino em geografia cabem na escola contemporânea e nessa escola-território que você enxerga e vêm construindo suas pesquisas e práticas?

T.S.L.V: Eu trago algumas dimensões da minha e da nossa prática, vinculada à práxis cotidiana daquela do início da nossa conversa. Lembrando de onde eu venho, para onde eu preciso e quero ir, que é o campo da escola, sobretudo, da Educação Básica porque tudo começa na formação de professores na qual me encontro agora. Ao mesmo tempo, precisamos compreender que a escola muda, de acordo com o contexto socioespacial e espaço temporal. É importante entender que

“as escolas são plurais. São contextuais e contextualizadas. Seja no campo, seja na cidade. Seja na floresta, seja nas águas.”

Então, eu digo que onde existe o ensino de geografia, eu quero estar. Ou seja, com as escolas vinculadas aos pescadores, aos indígenas e que nos ensina para que possamos, nesse movimento dialético, aprender e ensinar, ensinar e aprender. Coloco a necessidade de compreender, inicialmente, os

contextos que as escolas possuem de espaço e tempo, dimensionando algumas discussões que não podemos fugir. Ainda que seja muito difícil e desafiadora, as dimensões que eu inseri como classe, raça, etnia, gênero, deficiência, são questões cada vez mais presentes nas escolas, nas salas de aulas e nos territórios. Então, as nossas práticas no LAPEGEO, são de extensão que aqui eu vou pinçar de modo mais destacado. Entendo a necessidade de entender a extensão com pesquisa. Portanto, o ensino, a pesquisa e a extensão na sua tríade compõe a formação de professores. A partir das nossas práticas, trabalhamos com algumas iniciativas que vão se movimentando diante das diferentes realidades onde pisamos. Estas se articulam com a necessidade de entender a escola-território, ou seja, uma escola territorializada e nascida da luta. Seja dos movimentos sociais ou das comunidades de modo geral, precisa se voltar para essa luta. Sendo esse espaço de construção, de reivindicação, de acesso, de permanência das juventudes em que precisam ser escutadas, portanto, no plural. A compreensão da escola-território ocorre enquanto espaço de contextualização e contextualizado e enquanto espaço de escolarização. Por quê? Porque está inserida no processo intencional das políticas vinculadas às reformas do ensino, por exemplo, a Base Nacional Comum Curricular, a BNCC; a Base Nacional Comum de formação de professores, a BNC formação; a vinculação da escola ao neoliberalismo e às reformas neoliberais. Além disso, com alguns sujeitos externos como os bancos e a financeirização, que têm colocado de modo muito intencional, a transposição didática com

flexibilização do ensino a tal ponto que os conteúdos e a escolarização, se perdem. Então,

“a escola precisa ser um espaço, sim, de contextualização, de dinâmicas transversais, de elementos e práticas interdisciplinares, mas precisa, em primeiro lugar, ser um espaço de escolarização.”

Os estudantes, principalmente, os de escola pública, devem ter acesso ao conhecimento científico para que façam a sua crítica e se enxergar no espaço geográfico. Porque se não se enxergarem, não reivindicarão o seu espaço, nem o direito à cidade, tampouco o direito às políticas públicas e o direito à sua cidadania. Então, a escola precisa garantir acesso ao conhecimento científico para que possam se compreender nessa escola-território.

Revista Docentes: Eu queria propor a você um destaque ao laboratório e ao grupo de estudos, ou seja, ao Laboratório de Prática de Ensino em Geografia (LAPEGEO) que busca entender essa escola e busca construir essas práticas. E ao Grupo de Estudos e Articulação Ensino de Geografia e Territórios (GEAEGT). Qual é a importância desses espaços na formação inicial e continuada nessa perspectiva integrada? E para a sua formação docente e de pesquisadora?

T.S.L.V: O grupo de estudos na realidade nasceu antes do LAPEGEO na minha trajetória na UECE enquanto professora, que esse ano farei 10 anos no corpo docente. Embora eu tenha mais tempo como estudante da graduação, mestrado e doutorado na instituição. Foi no dia 23 de novembro de 2016 que eu entrei, tomei posse e assinei.

Dia 23 de novembro, um dia depois do meu aniversário. O grupo nasceu antes, em 2017, comigo e com um estudante de monitoria da disciplina de metodologia e prática. Naquela oportunidade, sentíamos a necessidade de discutir os seguintes temas, na licenciatura, como a Educação do Campo, a Educação Escolar Indígena e a Educação Quilombola. Ou seja, as diferentes formas de ensinar ou diferentes metodologias de ensinar geografia. Nessa perspectiva, rompemos o vínculo do ensino de geografia com um viés ainda urbanizado, de um ensino de geografia vinculado ao urbano. A necessidade foi de abordar a dimensão do ensino de geografia voltado às outras territorializações, ou seja de geografias. O grupo de estudos em 2017, era pequeno e foi crescendo a tal ponto que começamos a nos questionar se o seu nome contemplava as nossas inquietações. Assim, iniciamos a pesquisa e a extensão a partir do GEAEGT. Nós precisávamos extravasar aquele conhecimento que se construía naquele espaço, fazendo chegar a outras pessoas, de algum modo. Iniciamos e o Breno está aqui para confirmar, pois ele é um dos integrantes. Realizamos eventos acadêmicos, reivindicamos bolsa de extensão e de pesquisa e o movimento foi crescendo a tal ponto que alguns estudantes e professores, até externo a UECE, se direcionavam ao grupo e ao laboratório. Enquanto crescemos e nos inquietamos, modificamos o nome do grupo que passou a se chamar Grupo de Estudos e Articulação Ensino de Geografia e Territórios. O termo Grupo de Estudos e Articulação, articula os territórios na construção de pesquisa e extensão. O campo

Ensino de Geografia é ponto central de discussão nos territórios compreendendo a multiplicidade, inclusive, de interesses de integrantes que chegam ao grupo e vão contribuindo. Alguns ficaram, outros saíram por diversas necessidades. Depois de algum tempo, em 2022, com a saída e aposentadoria do professor Santiago, que era o coordenador anterior do laboratório, eu como professora do setor de Ensino em Geografia, assumi esta coordenação. E o que potencializamos no grupo ampliou-se quando criamos algumas metodologias de trabalho coletivo. Destaque para a organicidade dos grupos de trabalho, através da pedagogia de trabalho. Trata-se da organicidade de todos que compõem o grupo e da identidade do Lapegeo. Hoje, o GEAEGT é, portanto, uma das nossas atividades e o Lapegeo, é, digamos assim, o nosso guarda-chuva. Realizamos atividades quinzenais de estudo. Todas as decisões, textos, obras estudadas, são decisões coletivas e planejadas sempre de um semestre a outro. O grupo tem uma autogestão sendo coordenado por mim, por necessidade institucional, mas é autogestivo pelos integrantes. Além do grupo de estudos, temos o Clube do Livro, que nasceu mais recentemente vinculado ao interesse de algumas estudantes, posso citar a Walery, a Larissa, a Emily, que foram trazendo outras estudantes do LAPEGEO ou de fora do laboratório. Ou seja, esta é outra atividade vinculada a esse guarda-chuva mencionado. O grupo é autogestivo na seleção de obras temáticas de um semestre no clube do livro. Esta é uma ação pioneira e inovadora na perspectiva da geografia da UECE. Realizamos

uma série de atividades dentro do LAPEGEO com a preocupação da construção do conhecimento científico, da necessidade da pesquisa enquanto conhecimento científico, a exemplo dos colóquios de pesquisa que realizamos junto aos meus orientandos, nesse caso, com encontro mensal. Quando desenvolvemos pesquisa, nos perguntamos: que é que vamos realizar de extensão? Esse questionamento é necessário para que possamos entender se as três dimensões estão sendo contempladas a partir da minha perspectiva do ensino na graduação. Quando vamos para trabalho de campo realizar a pesquisa nos territórios, eu digo, nós vamos fazer isso, mas aonde é que está a extensão? Então, não é uma visão pragmática. Não é necessidade de dizer, olha, isso aqui é extensão, isso aqui é pesquisa. E sim de entender que

“precisamos articular esse movimento de pesquisa, ensino e extensão para além dos muros da Universidade, isto é, uma extensão realizada fora dos muros, porque os conteúdos universitários precisam ser articulados às demandas do real.”

E estas demandas precisam estar nas nossas discussões, inquietações, referências bibliográficas e teóricas e nas nossas práticas docentes. O LAPEGEO é essa construção. Essa minha fala de ir e vir, é dialética, ao sair da universidade e voltar para ela. Na realidade ela está comigo em cada espaço onde eu vou, do mesmo modo que a Educação e a escola estão sempre comigo.

Revista Docentes: E na caminhada do LAPEGEO e das atividades vinculadas a este espaço, vocês não caminham sozinhos e precisam de determinadas parcerias e, ao mesmo tempo, essas parcerias são desafiadoras. Requer olhar o tempo da outra instituição, o espaço, e os desafios para poder concretizar a parceria. Sendo assim, como é que você analisa os desafios para conduzir um trabalho permeado pelo ensino, a pesquisa e a extensão com as parcerias internas e externas à Universidade, ou seja, na escola e/ou nos ambientes não formais de ensino. Quais os desafios na condução desse trabalho?

T.S.L.V: Você falou uma coisa importantíssima. E eu repito, eu não faço e o LAPEGEO não faz nada só porque somos um coletivo. Então, essa preocupação da organicidade é por isso. A construção coletiva é fundamental em tudo que se desenvolve. Nessa perspectiva destaco as parcerias internas, e aí eu dimensiono como, fundamentalmente, os professores e professoras e estudantes que integram o LAPEGEO. Estas são

“parcerias cotidianas e necessárias, porque é quem leva o barco, caminha junto, constrói, e acredita, principalmente, no projeto coletivo que nós temos. ”

E das parcerias externas eu poderia elencar porque uma que acho justa e necessária, é a parceria com professores e professoras da Educação Básica. A parceria com a Secretaria Municipal de Educação, SME e com a Secretaria Estadual de Educação do Ceará, SEDUC. São escolas localizadas em Fortaleza, ou seja, no Urbano. E com as escolas indígenas, do território Jenipapo

Kanindé em Aquiraz e com a escola do assentamento de reforma agrária localizado na Lagoa do Mineiro, em Itarema. Então, os professores e professoras, os gestores e gestoras, as comunidades escolares e os estudantes, são parceiros que acreditam no projeto e mesmo diante dos desafios cotidianos que a educação básica também possui, nos recebem, nos acolhem, nos ensinam, e confiam no trabalho, estando abertos para processos de ensinar e aprender a partir de um objetivo em comum, que é oportunizar o ensino de geografia. Dentre as parcerias institucionais, ressalto a Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da UECE e parceria com o MEC através da rede T7, que é uma rede vinculada ao território de vulnerabilidade social. Nós temos projetos com o MST que é nosso parceiro e com o movimento indígena em geral. Essas são as que eu me lembro de modo mais direto. Além disso, no LAPEGEO temos a preocupação da interdisciplinaridade. Tanto é que algumas vezes eu selecionei bolsistas de outros cursos. É um desafio, porque nessa perspectiva a interdisciplinaridade te convida à necessidade de aprender e ensinar. E, às vezes, é muito menos complexo trabalhar com estudantes que estão na mesma área de formação. Mas, é muito rico quando conseguimos ampliar horizontes e os olhares sobre a sociedade. Afinal de contas, a sociedade é um todo. E na escola o campo interdisciplinar se abre. Por exemplo, na extensão, nós temos duas ações. Uma que trabalha com a educação para relações étnico-raciais, vinculando a Geografia à Lei 11.645/2008, denominada “geoliterarte” e as “geografias musicais”. É interessante, porque a música, a Literatura e a Arte, na

sua dimensão complexa e plural dialogam com a Geografia. É uma necessidade da vinculação do projeto que se articule, tanto com algumas discussões teóricas, quanto com demais profissionais da escola ou externo a ela. A outra ação extensionista ocorreu nas Escolas EEEP Ícaro de Sousa Moreira, localizada no bairro Granja Lisboa e na EEM Governador Aduvaldo Bezerra, localizada no bairro Fátima. A outra extensão é a de Iniciação Artística vinculada ao ensino de Geografia e a Literatura de Cordel. Realizar tais ações requer dialogar com outras áreas do conhecimento. Conseguimos fazer isso há alguns na escola, ainda é um desafio mas eu chamo a atenção de que a interdisciplinaridade se fortalece quando a disciplinaridade se solidifica. Então, como professora é fundamental ter a compreensão fortalecida na disciplinaridade e, assim, conseguir mais comprometimento para atingir a interdisciplinaridade.

Revista Docentes: Nessa perspectiva, quais dimensões da internacionalização do currículo estão presentes e fortalecem o trabalho que você conduz com professores e estudantes vinculados ao LAPEGEO?

T.S.L.V: Construímos parcerias com outras universidades através dos eventos. Uma delas está em processo. Trata-se da Rede de Pesquisadores de Geografia do Nordeste, que reúne alguns pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas, da Paraíba, da Bahia, dentre outros estados do Nordeste Brasileiro. As parcerias internacionais, têm sido construídas, sobretudo a partir dos nossos estudantes que articulam-se e

garantem suas próprias conquistas. Ao desenvolver ensino, pesquisa e extensão, levam o nome do laboratório. Uma das mais recentes conquistas que eu gostaria de destacar foi a do Caminhos Amefricanos, um edital de seleção do Ministério da Igualdade Racial que juntamente com a Universidade Federal do Maranhão selecionou duas estudantes que irão em Fevereiro/26 para a República Dominicana realizar atividade de intercâmbio. Uma das bolsistas, a Emily, realiza extensão na EEEP Ícaro de Sousa Moreira. Estará levando as experiências e trazendo vivências a partir desse intercâmbio que poderão ser relacionadas ao laboratório, à UECE e à escola. A outra é bolsista de iniciação científica, a Paola, que trabalha com a EEM Francisco Araújo Barros com o desenvolvimento de jogos didáticos relacionando a Geografia e a Agroecologia. Então, ela levará essa experiência, esse conteúdo teórico-prático e trará outras do intercâmbio, para que possamos ampliar parcerias e diálogos. Retorno a preocupação do início da conversa, que é atravessar a Universidade e chegar em quem ainda não entrou nela.

Revista Docentes: Vamos pensar um pouco nessa perspectiva do

futuro, para encaminharmos essa conversa. O que você diria em uma carta pensada para a comunidade educacional, a qual será lida daqui a 20 anos?

T.S.L.V: Daqui a 20 anos eu estarei com quantos anos? Que pergunta difícil! A minha vida é tão dinâmica e tantas coisas foram construídas ao longo desses anos. Tem horas que me perco. São muitos e já passaram 20 anos, vividos intensamente. Acho que é uma das características mais fortes que me traduz. Sem distinção entre universidade, profissional, pessoal, a minha vida na sua totalidade, é a intensidade das coisas. Dediquei grande parte, acho que metade, se eu for contar de 2002 para 2026. Me formei, aliás, terminei minha graduação em 2007. Vinte e poucos anos. Exatamente. Metade da minha vida. Eu estou com 42 anos. Metade da minha vida cronológica foi dedicada à formação das juventudes. Ao tentar compreender melhor esse complexo desafio que é ensinar e aprender e construir a formação de professores e professoras jovens de um modo geral. Eu escreveria aquilo que escrevi quando comecei a minha graduação, que é: acreditem no potencial da juventude! As juventudes têm muito potencial, o de criatividade, o de

criticidade. E a docência, não é uma construção fácil, seja na escola, seja na universidade. É uma construção difícil, por muitas vezes precarizada. Então, continuar no campo da Educação e acreditar nela por 20 anos, faz essa carta que chegaria daqui a 20 anos...Digo a você que está encontrando essa carta:

“Não é fácil acreditar diante das precariedades que nos circundam, dos mais diferentes vetores, continuar acreditando nas juventudes e caminhando lado a lado, mas talvez sejam estas nos façam enxergar um horizonte de esperança. Não desistir de acreditar nas juventudes. É isso, professora. Porque, no final, é pra elas que construímos. E vamos encontrá-las. E nós somos juventudes.”

Então pode escrever que eu não desisto delas, assim como eu não desisto de mim. Muito obrigada pela oportunidade de rever nostalgicamente a minha própria vida.

**Dra. Rosilene Aires
Dra. Suiane Costa Alves**

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Emilly Fernandes de; MACIEL, Leandro Leite da Silva; VASCONCELOS, Tereza Sandra Loiola. Estava na favela respirando o odor dos excrementos: Literatura e Educação Geográfica na EEEP Ícaro de Sousa Moreira, em Fortaleza-CE. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, nº 19, v. 2, 2025. Disponível em: <https://www.revistas.uece.br>. Acesso em: 25 fev. 2026.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Geografia**. Brasília: DF: MEC, 2001. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/cne/pdf/normas-classificadas-por-assunto/diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao/ces0492.pdf>. Acesso em 01.mar.2026.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei 11.645/2008**. Brasília: DF: MEC, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 01.mar.2026.

LIMA, B. B.; PAZ, P. S. da; VASCONCELOS, T. S. L.; LIMA, L. C.. O Novo Ensino Médio no Ensino de Geografia em Escolas do Campo: os reveses na EEM Francisco Araújo Barros (Itarema/CE). **Geographia Meridionalis**, Pelotas, v. 8, e0250009, p. 1–25, 2025. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/index>. Acesso em: 25 fev. 2026.

LIMA, B. B.; VASCONCELOS, T. S. L.; LIMA, L. C.. A Educação do Campo sob a luz da teoria do Desenvolvimento Geográfico Desigual. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 20, n. 58, p. 215–234, 2025. DOI: 10.14393/RCT205877224. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/77224>. Acesso em: 25 fev. 2026.

VASCONCELOS, T. S. L. **Por onde andam os coqueirais?** Os territórios tensionados e as tensões territoriais no estado do Ceará. 2015. Tese de Doutorado - Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=87003>> Acesso em: 24 fev. 2026.

VASCONCELOS, T. S. L. **Reestruturação socioespacial do Ceará:** os desdobramentos da modernização da agricultura no território do perímetro irrigado do Baixo Acaraú-CE, 2010. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/27456074/tereza-sandra-loiola-vasconcelos-uece>> Acesso em: 24 fev. 2026.

Projetos de Extensão:

Sementes da educação para relações étnico-raciais no ensino de Geografia (ERERGEIO): construindo a extensão na EEEP Ícaro de Sousa Moreira, em Fortaleza (CE) (Edital PROEX/UECE);

- Sementes da Educação para relações étnico-raciais no Ensino de Geografia (ERERGEIO): construindo a extensão no chão da escola pública em Fortaleza (Edital SASE MEC/PROEX - REDE INTERSET-CE);

Geografias em versos: semeando Literatura de cordel na EEM Governador Adauto Bezerra, Fortaleza/Ceará (Edital Iniciação Artística/PROEX-UECE).

Projetos de financiamento externo e a construção da categoria Escola-Território:

A Escola-território numa perspectiva dialógica: contribuições pela educação geográfica (Edital FUNCAP PRÓ-HUMANIDADES);

A escola-território como categoria geográfica contra hegemônica no estado do ceará (Edital CNPq UNIVERSAL).